

Ações educativas e o meio ambiente: realidades e perspectivas em âmbito de estado de Rondônia

Educational actions and the environment: realities and perspectives in the scope of the state of Rondônia

Deny Ardaia da Silva^{1*}

RESUMO

Este artigo é uma preocupação voltada ao Meio Ambiente e as relações diretas com a Educação no Estado de Rondônia. É um reflexo do que percebemos a respeito da atual situação em que se encontra o ser humano no meio ambiente dessa região e tenta traçar mecanismos resolutivos que possam ser usados pela escola que temos. Como também, reflete a luta e as intenções, erros e possibilidades de encontrar um caminho que solucione o grande entrave que distancia, a cada dia, os interesses dos educadores, dos ambientalistas e do que imaginamos ser o interesse de uma sociedade consciente. Está dividido em três partes. A primeira tenta expor a realidade educacional e o meio ambiente no estado de Rondônia, a segunda reflete um pouco sobre a ação do educador e os entraves que o rodeia no trabalho sobre educação e meio ambiente, a terceira parte tenta aproximar os estudos culturais e educação ambiental, e considerações finais.

Palavras-chave: Educação Ambiental; Meio Ambiente; Estudos Culturais.

ABSTRACT

This article is a concern focused on the Environment and the direct relationship with Education in the State of Rondônia. It is a reflection of what we perceive about the current situation in which the human being finds himself in the environment of this region and tries to outline resolute mechanisms that can be used by the school we have. As well, it reflects the struggle and the intentions, mistakes and possibilities of finding a way that solves the great obstacle that distances, every day, the interests of educators, environmentalists and what we imagine to be the interests of a conscious society. It is divided into three parts. The first tries to expose the educational reality and the environment in the state of Rondônia, the second reflects a little about the educator's action and the obstacles that surround him in the work on education and the environment, the third part tries to bring cultural studies and education closer together. environment, and final remarks.

Keywords: Environmental Education; Environment; Cultural Studies.

¹ Instituto Federal de Rondônia
*E-mail: deny.silva@ifro.edu.br

INTRODUÇÃO

A realidade por que passa o planeta Terra nos faz perceber, enquanto educador, que precisamos, enquanto ser humano, desenvolver uma sensibilidade que amplie a visão que temos do conceito de natureza, de preservação e acima de tudo, de restauração do meio ambiente. Esta última, com objetivos de compreender os espaços preservados que ainda temos e dos espaços que já precisam ser restaurados. Espaços que já foram totalmente destruídos e que deverão ser revitalizados. Precisamos trocar o discurso de preservação da natureza, que é proferido nos processos educativos sobre meio ambiente, por algo mais avançado pois, o ser humano, movido pela visão de que é necessário produzir riqueza capital, avançou destruindo o meio ambiente em prol de uma cultura agrícola que desequilibra o nosso habitat e nos põe em riscos.

Em relação à educação, devemos revisar os objetivos da Educação Ambiental de forma que se repense, urgentemente, os discursos de preservação e implantar a ideia de que não basta somente educar para preservar e sim educar para restaurar, reconstruir, recriar o que se perdeu ou está por desaparecer, pois não podemos preservar aquilo que não existe mais, ou está a ponto de extermínio.

O modelo de educação que temos atualmente e que envolve a proteção ambiental, está pautada em situações que transfere a culpa pela destruição ao indivíduo, como se a realidade não necessitasse de políticas maiores para o enfrentamento dos desastres ecológicos e a fomentação de consciências coletivas, como vimos em diversos movimentos que se ocupam em levantar bandeiras que tentam abraçar a população dentro das filosofias de lutas empregadas.

É muito comum ouvirmos a expressão “cada um faz a sua parte”, mas qual é a parte das instituições das esferas municipais, estaduais, federais e mundiais? É só dizer que a culpa ou a missão são dos indivíduos?

Percebemos que falta mecanismos políticos de luta e enfrentamento dos problemas vividos pelo meio ambiente por isso é necessário criá-los, e que acima de tudo não crie mais problemas, como é o caso da atual política do governo federal brasileiro que desde sua posse sustenta uma política que cria empecilhos que, visivelmente, amplia os problemas do meio ambiente brasileiro. Essa posição do Brasil cria condições que vão de encontro a qualquer política social, impondo uma relação de poder totalmente contra

as camadas menos favorecidas, que dependem mais do meio ambiente do que da classe da elite em suas salas com ar refrigerado.

A REALIDADE EDUCACIONAL E O MEIO AMBIENTE

A partir da visão dos Estudos Culturais, percebemos que a Educação Ambiental deve estar concatenada ao modo de vida do povo que vive do ambiente natural, levando em conta suas necessidades, seu modo de se relacionar com esse ambiente.

Percebemos também que, apesar dos anseios de pesquisadores e cientistas, das leis em vigor que protegem o meio ambiente, a humanidade não consegue atingir os objetivos traçados pelos organismos que defendem a natureza. Apesar da Educação Ambiental estar presente nas escolas, existem muitos professores que levam a sério a necessidade de se resolver os problemas ambientais e fazem de seus conhecimentos bandeiras para que suas aulas some de maneira a defender o meio ambiente, não conseguimos fortalecer essa Educação Ambiental de forma efetiva a ponto de refletir nas ações da humanidade.

É preciso que seja feito um trabalho educativo mais abrangente que envolva a sociedade de forma geral, que solidifique a compreensão de que o meio ambiente é um fator que está ligado diretamente a sobrevivência da humanidade e que caso ocorra algo com ao planeta, de forma lógica, a raça humana também irá sofrer as consequências. Portanto, esse trabalho educativo não deve ser feito somente pelos professores e sim por todos comprometidos com a vida. Como também, não pode ser uma preocupação apenas das classes menos abastadas. É preciso, segundo Leff (2002, p. 170) “reorientar o conhecimento para (re)aprender a unidade da realidade e para solucionar os complexos problemas gerados pela homogeneização forçada que induz a racionalidade econômico-tecnológica dominante”.

A transformação da Floresta Amazônica em savana é uma realidade que já podemos observar em grande parte no mapa da região Norte do Brasil. Onde há algumas décadas se observava floresta nativa, percebe-se hoje a transformação generalizada com o plantio de capim para o gado e algum tipo de cereal como a soja, o que de fato ocasiona a mudança no clima da região. Entre esses espaços transformados, alguns campos já foram abandonados, vendidos e revendidos por ação da especulação imobiliária e que faz da terra amazônica um produto cobiçado sem levada em consideração suas características

de solo fértil enquanto floresta mas que acabam por decepcionar agricultores que tentam impor a ele as expertises adquiridas em outras regiões e por isso, acabam fadados ao fracasso, revendem as mesmas e impulsionam um processo de rotatividade de proprietários sem tempo hábil de recuperar a terra e mantê-la produtiva.

Não é somente a cor do mapa que se modifica. Os rios e igarapés, em forte processo de assoreamento, desaparecem, furtivamente, a cada dia. Floresta em pé representa o equilíbrio da Amazônia pois, a temperatura e umidade reguladas pela vegetação faz com que ela se mantenha naturalmente. Sem a floresta, a temperatura aumenta e a umidade desaparece tornando o clima árido, o solo que se mantinha equilibrado pelo processo de humificação ocasionado pelas folhas caídas, pela proliferação de fungos e bactérias propícias ao ambiente, pela chuva constante e pelo clima quente, se empobrece de tal forma que não nasce nem capim que sirva de alimentação ao gado. Onde o campo florestal foi devastado, rapidamente o sapé toma de conta dessas áreas que era ocupada pela floresta e em algumas áreas, nem mesmo essa espécie, que é bastante resistente a solos pobres, não nasce mais, formando clarões arenosos.

Nem mesmo as nascentes e as margens dos rios que deveriam ter suas matas ciliares preservadas por orientação da lei, se preservou. Atualmente, corre-se os riscos de desaparecimento das camadas florestais que protegem o solo, de se perder as fontes de água e termos, futuramente, uma crise hídrica que prejudicará, não somente aos agricultores que não terão água para manter suas lavouras, como também aos moradores das cidades ocasionados pelos desaparecimentos das fontes e minas naturais de captação de água.

Além disso, há tendência de que essa crise hídrica ocorra o mais rápido possível pelo fato de não termos sistemas próprios de captação de esgotos e tratamentos de água na maioria das cidades brasileiras, sistemas de coletas de lixos eficientes, fiscalização para coibir ligações de esgotos e fossas domésticas aos sistemas de drenagens pluviométricas que não permitam que esses esgotos cheguem sem tratamento em nossos lagos, lagoas, rio e igarapés.

Acreditamos que estamos em meio a um problema muito grande e precisamos encontrar soluções urgentes para que o futuro da humanidade não esteja em perigo, aliás, muitas soluções são apontadas a cada dia, mas como pôr em prática essas soluções? Como

motivar a população a seguir cada regrinha que são apontadas em respeito ao meio ambiente? São muitas as campanhas publicitárias que diariamente nos indicam o que fazer e como fazer.

Muitos ambientalistas escrevem artigos com suas preocupações, mostram os problemas e indicam soluções para eles, mas pouco se percebe o cumprimento dessas regras e a todo momento vemos, em nossas cidades, uma árvore ser abatida para dar lugar a um estacionamento de automóveis, como também nos vemos, diariamente, buscando uma sombra para estacionarmos nossos veículos. É irônico essa situação pois, muitas vezes o humano que busca a sombra é o mesmo que derruba a árvore. Na maioria das vezes, não há nesse humano a sensatez de relacionar uma situação com a outra.

Onde encontrar essa sensatez, onde se aprende isso? Muitos povos sobrevivem do meio ambiente de forma ordeira, pacífica e correta, demonstrando rituais de continuidade na coleta e produção de seus alimentos, preservando o ambiente sem que a visão expansionista que o capitalismo emprega interfira em sua sobrevivência, pois não precisa mais do que a natureza lhe oferece para viver. Esse modo de vida contempla ao meio ambiente uma possibilidade de preservação, mas infelizmente, está sendo relegado pelas novas gerações que veem nos avanços tecnológicos uma grande oportunidade de adquirir ou de ampliar suas riquezas.

Dessa forma, há uma crescente necessidade de buscar pelo grande “eldorado”². Da mesma maneira ocorreu na ocasião em que o homem veio ocupar as terras do Estado de Rondônia, incentivado por muitos projetos governamentais que se diziam preocupados com a integração das terras de fronteira ao restante do território brasileiro. Com isso, os imigrantes, não precisavam se preocupar com o meio ambiente, pois estavam amparados pelo Estado, praticamente foram vítimas de planejamentos errados, sem bases científicas de uso das terras amazônicas e preservação do meio ambiente. O objetivo desses imigrantes era o enriquecimento e a melhoria de vida de suas famílias que em seus lugares de origem passavam por dificuldades e para cá vieram em busca do tão sonhado

² Eldorado – lenda da boa abundância de ouro e riquezas. Em vários momentos da história da humanidade, vimos a saída de imigrantes motivados por essa busca. Rondônia é um estado que se formou com base em propagandas que prometia essa abundância do “eldorado” em ciclos históricos de desenvolvimento como: O Ciclo do Ouro, o Ciclo da Borracha e o Ciclo da Construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré.

“eldorado”, construir riquezas e retornar a suas terras com muito dinheiro, mas raros foram os que tiveram sucesso.

A AÇÃO DO EDUCADOR E OS ENTRAVES QUE O RODEIA - EDUCAÇÃO E MEIO AMBIENTE

Precisamos pensar formas mais adequadas de encurtar a comunicação entre os sujeitos ecológicos (CARVALHO, 2000, p. 34) e a população mundial que ainda não se aliou e se alinhou ao discurso de preservação e restauração da natureza. Só o trabalho que a escola faz não é suficiente, é preciso ampliar os efeitos da educação ambiental, pois caso isso não ocorra chegaremos a um estágio de que o retrocesso aos estragos feitos pela humanidade ao meio ambiente, será impossível. Sabemos que existe um trabalho educativo voltado a esse tema, mas precisamos começar a fazer uma reeducação ambiental, uma vez que a bandeira da Educação Ambiental que era preservar tornou-se páreo perdido, pois em alguns lugares do planeta não existe mais fauna e flora original. Nesses lugares ações de preservação já se tornaram obsoletas, pois não se pode preservar o que não se tem mais e nesses casos é necessário que se pense em processos de restauração ou revivência daquilo que já se perdeu.

Em alguns lugares do estado de Rondônia, que já foi uma região 100% de floresta amazônica, a mesma, praticamente, não existe mais. Portanto, a ideia de preservação pregada pela Educação Ambiental não pode mais ser empregada, pois como já falamos em outro momento, não se pode preservar aquilo que não existe mais. Devemos agora tentar fazer uma reeducação ambiental onde os professores precisam falar sobre a floresta que existia na região Norte, principalmente no estado de Rondônia, mostrar como era e tentar, a partir dessa mostra, fazer com que as pessoas busquem um espírito de reorganizar esse espaço geográfico com uma floresta replantada. Para isso, devemos reforçar o olhar crítico sobre nossas ações educativas.

O senso crítico ou a postura crítico-social dos conteúdos é a única postura que a educação deve ter em relação aos fatos com o meio ambiente, pois ele está diretamente ligado à garantia da vida humana no nosso planeta. Muitos professores ainda não estão maduros, ainda em fase de adaptação e percepção inicial, pois não conseguem perceber que a fase de preservação da natureza já passou, praticamente, os espaços foram ocupados pela urbanização, pela especulação imobiliária ou pela agropecuária massiva. Inclusive, muitas áreas de preservação, áreas de reservas biológicas e terras indígenas, também já

foram ocupadas por não existir atualmente no Brasil, apesar da legislação vigente, um trabalho sério em prol do meio ambiente.

Precisamos começar a trabalhar nas questões conceituais de restauração ambiental ou restauração da natureza para recuperar aquilo que nós já perdemos com os desmatamentos, com o avançar do agronegócio, com a expulsão dos pequenos proprietários do campo e pelo fortalecimento de propagandas favoráveis ao êxodo rural.

Em nossas escolas faz-se necessário que o conceito de preservação seja explicado e visto de forma contemporânea, pois se a luta é em prol do meio ambiente, é necessário conhecer em que fase estamos atualmente em relação ao meio ambiente que queremos, o que tínhamos, o que temos e o que precisamos reconstruir ou restaurar. Sob a luz do senso crítico, o preservar como acontece até o momento, não poderá ser mais fator de educação. Para as novas gerações, haja vista que o modo de vida delas caracteriza-se por vivência em espaços urbanos e já degradados, diretamente ligada às cidades, ao asfalto, ao concreto, ao calçamento que dificulta a drenagem das águas e impossibilita o crescimento de vegetais e ao campo altamente mecanizado, deve-se propor novos discursos.

Precisamos olhar para as características atuais do ambiente e pensar que o discurso precisa ser reorganizado para que não haja confusão no processo educativo que envolve o meio ambiente. Faz-se necessário perceber, mediante a ampliação de nosso senso crítico, que nós não vamos mais preservar aquilo que não existe mais e sim pensar em maneiras de recuperar e restaurar o que é possível, pois dessas perdas muita coisa não existirá mais.

Entendemos que o agronegócio que se preocupa com o meio ambiente é a agricultura familiar, o pequeno latifúndio que são pressionados a cada dia a vender suas propriedades aos grandes latifundiários. Esses por suas vezes, financiam as propagandas que diz que “o agro é pop”, que “o agro é tudo”, na intenção esconde que esse “pop” é extremamente devastador a natureza, emprega pouco, concentra a renda nas mãos de poucos e nem sempre produz alimentos para os humanos.

A manga, a banana, a cenoura e outros alimentos que você consome em seu dia-a-dia, provavelmente, são produzidos pela agricultura familiar – no minifúndio. A produção dos latifúndios irão para outros fins e não para a alimentação humana. Portanto,

quem tem a possibilidade de restaurar a natureza através da atividade agrícola são os pequenos produtores, a agricultura familiar.

A criança constrói o seu conceito de meio ambiente conforme vai se desenvolvendo, vivenciando o espaço onde mora, participando do seu círculo social na família, escola, igreja, quintal ou nos quatro cantos de um apartamento. Dessa forma, cidade, campo, floresta, lixão, favela, litoral, servirá como parâmetro para organizar o conceito de meio ambiente em sua vida. Ao chegar na escola essas crianças poderão receber conhecimentos que ampliam o conceito de meio ambiente ou limitá-los aos espaços em que vivem. Portanto é necessário uma compreensão ampla deste para que se possa trabalhá-lo, e levar em conta a real abrangência do mesmo pois, meio ambiente diz respeito ao planeta e não somente aos limites da vivência do estudante e do professor na cidade, no bairro ou no espaço que conhece.

O professor crítico, que desenvolve seus conteúdos em sala de aula sustentado pela dimensão ética, estética e política saberá dar dimensão real ao conceito de meio ambiente, mas nem sempre é esse o perfil do professor em sala de aula. Muitos são negacionistas, alienados ao que veem nas redes sociais; nas propagandas veiculadas nas redes de TVs e programas com viés reacionários, nos dogmas de algumas igrejas fundamentalistas, na própria falta de leitura e fé na ciência. Talvez por isso, o resultado das lições aprendidas nas aulas e não executadas no meio ambiente, ou seja, saímos da escola com noção do que se tem que fazer, mas não fazemos. Ouvimos a teoria, mas não a aceitamos como mecanismo de mudança da realidade, muito embora criticamos a realidade terceirizando a culpa por ela existir, manifestando assim uma postura que não é de todos, mas que é necessária ser definida por cada professor e que cada um manifeste sua posição diante dos objetivos educacionais:

Sem dúvida, aqueles que, por exemplo, vêm o processo educativo geral, ou a educação ambiental, de forma particular, como uma possibilidade de ajustar comportamentos individuais a padrões socialmente desejáveis, idealizarão propostas educacionais com características muito diferentes daqueles que entendem ser a educação um caminho para mudanças mais profundas, um motor de transformações mais radicais na sociedade como um todo. (CARVALHO, 2006, p. 4).

Alguém que nasceu e cresceu em um ambiente degradado, por questões culturais, tende a perceber esse ambiente como o ideal para a sua sobrevivência, pois o modo de vida que leva lhe faz parecer que está tudo normal e, portanto, o ambiente a qual

ele precisa preservar é esse onde vive. Dessa forma, ele vai perceber naquele ambiente degradado o que há de mais natural pois, é o conceito de natureza que ele tem em sua vida. As cidades são o princípio da degradação ambiental. Sabemos que precisamos delas mas, já existem modelos que tratam a natureza com considerações especiais a ponto de diminuir ou até mesmo mitigar problemas causados por elas no ambiente.

Repensar a estrutura ambiental das cidades é um desafio do século XXI, mas desafio maior é conscientizar o ser humano de que a qualidade de vida está relacionada ao pôr em práticas os novos conhecimentos sobre o meio ambiente para que tenhamos garantia da própria vida no nosso planeta.

Dessa forma, quando o professor fala em suas aulas que precisamos preservar a natureza, automaticamente, haverá um entendimento, por parte das novas gerações, que precisamos preservar o ambiente, culturalmente, entendido por ele como o ambiente em que ele está acostumado a habitar – no caso urbano, as cidades, com seus asfaltos, calçadas, raras gramas e árvores. Ora se ele habita esse ambiente degradado, logo entenderá que é esse ambiente que precisa ser preservado, pois de modo geral, entendemos o conceito de meio ambiente dissociado do conceito de natureza e isso é um grande problema para a educação, pois interfere diretamente na ideia de um único planeta Terra. Podemos viver na cidade ou na natureza! Como se a natureza fosse uma ilusão distante e impossível de termos natureza e cidade em um mesmo espaço!

Sobre os ombros do professor como sujeito ecológico³ deve existir uma postura crítica de dimensões ética, estética e política para perceber o ambiente em que vive. Além de estudar os conceitos, acompanhar as mudanças, que por sua vez, ocorrem de forma muito rápida, deve militar contra os agentes degradadores e informar a população dos perigos que estamos vivendo, pois, nossas cidades são verdadeiras feridas vivas no meio da floresta.

³ Constituem-se de um sujeito ideal ecológico, bem como as trajetórias profissionais e pessoais do(a)s educadores(as) ambientais, entendidos(as) como uma expressão particular daquele sujeito ideal. (CARVALHO, 2000. p. 34).

Se acompanharmos o progresso da degradação florestal no mapa do estado de Rondônia⁴, perceberemos que essas feridas crescem em velocidades assustadoras. A velocidade da degradação é diferente da velocidade de conscientização ambiental. Precisamos criar discursos sobre a necessidade de restauração do meio ambiente, para que aconteçam plantios de árvores, que promovam a saída do ser humano e das grandes máquinas que degradam o solo com a desculpa de produção de alimentos permitindo assim que a natureza se recupere.

Para que tenhamos um discurso coerente e crítico é necessário ter conhecimento de como se processa a degradação ambiental e entender que muitas vezes contribuímos para que esse processo se agiganta cada vez mais. Muitas de nossas posturas contribuem para o consumo exacerbado, apego ao modismo, negação à ciência, comodismo, alienação às informações infundadas das redes sociais e muitos outros vícios contemporâneos. A realidade precisa ser conhecida por todos e em alguns casos retomar assuntos que conhecemos, mas que não damos a real importância a eles. É necessária uma postura crítica com a realidade e conosco mesmos. Estamos em 2021, em plena pandemia de COVID19 e o mundo está perdendo vidas por causa da falta de adesão a informações que estão à disposição da humanidade há mais de três séculos. Olhando por este lado, entendemos como é difícil fazer o ser humano se posicionar em prol do meio ambiente, se em muitos casos, ele não se posiciona a favor de sua própria saúde. Entendemos também como é pesada a função do professor de fortalecer uma postura crítica a seus alunos. Missão difícil, mas de extrema necessidade.

Entre essas dificuldades educacionais, temos a fracasso de minimizar o tradicionalismo na realidade educacional do brasileiro, pois muitos professores ainda insistem em falar de um ambiente que não é o seu, mostrando aos alunos uma realidade que não lhes pertence e fortalecendo a ideia de um ambiente ideal usando exemplos de além de suas fronteiras culturais. Usando artefatos culturais e materiais didáticos criados em realidades que não é a do aluno e que nem mesmo o professor, que está administrando o conteúdo conhece, fortalecendo um sistema que contradiz o que há de mais contemporâneo em termos de educação, contribuindo com uma educação heterogênea

⁴ <http://www.esa.int/ESA_Multimedia/Videos/2012/07/Deforestation_of_the_Amazon_Rainforest> acessado em 22/01/2021 as 19:30.

que desrespeitam o modo de vida de outros seres humanos que não vivem nos eixos metropolitanos e que faz das diferenças uma ilusão, ocasionando mais um problema de discurso ambiental desacoplado “das injunções sócio-históricas” e “que muito facilmente pode alinhar-se a posições politicamente conservadoras, na medida em que não mobiliza a percepção das diferenças ideológicas e conflitos de interesses que se confrontam no ideário ambiental.” (CARVALHO. 2000, p. 55).

Uma prática emblemática desta tensão epistêmica pode ser facilmente encontrada entre as atividades realizadas no dia a dia da EA. Entre estas estão as conhecidas e largamente utilizadas "trilhas de interpretação" (17)⁵. Nesta atividade o educador opera transmitindo informações relativas a um determinado espaço natural, objeto da trilha interpretativa. Neste caso, costumam ter um grande peso os conhecimentos oriundos da biologia sobre o funcionamento dos ecossistemas, a composição dos diversos elementos da natureza e suas interações. As trilhas interpretativas ilustram muito adequadamente o horizonte epistemológico de grande parte da educação ambiental contemporânea, fortemente marcada pela tradição explicativa das ciências naturais. (CARVALHO. 2000, p. 55-56).

Seguir o percurso do tradicionalismo, sem ao menos nos atentar para sua própria conduta diante da educação, diante das realidades ambientais existentes é, demasiadamente, retrógrado e prejudicial à sociedade, as diferenças e a cultura dos povos e, quiçá a vida! Por mais que o professor tenha uma postura crítica pedagógica diante do assunto meio ambiente, mesmo assim, não podemos garantir que as informações recebidas pelos alunos vão ser postas em práticas por eles.

Para compreender a inoperância do discurso educacional é necessário entender que existem, fora da escola, muitas estruturas negacionistas que impedem que aquilo que o professor mostra em sala de aula seja consolidado pelos estudantes. Essas estruturas funcionam como elementos discordantes das teorias e que nem sempre estão visíveis a todos. Fora da escola, muitos alunos fazem parte de outras comunidades que nem sempre acolhem ou concordam com o que é ensinado, recebendo, portanto, informações reacionárias de outras instituições que não concordam com o que a escola ensina. Dessa

⁵ ... “Esta técnica em EA consiste em informar e problematizar temas ambientais a partir do contato direto com o meio ambiente. A interpretação ambiental é muito usada como recurso educativo em parques naturais, reservas florestais e outros sítios paisagísticos. Consiste em, nestes ambientes, pre-estabelecer um roteiro para caminhada, por onde um grupo de visitantes ou alunos é conduzido por um guia, ou auto-guiado por um roteiro explicativo” (CARVALHO. 2000, p. 56).

forma, interfere diretamente com seu discurso de anticiência que existem em outras esferas fora da escola.

Um exemplo prático dessa situação pode ser, alegoricamente, ilustrado pelos conteúdos de Ciências relativos à saúde, higiene mental, higiene corporal, sexualidade, respeito às diferenças e que, às vezes nos deparamos em uma crise como a que está ocorrendo hoje em época de pandemia de COVID19. Por exemplo, em relação a vacinação, muitas instituições a qual nossos alunos fazem partes pregam contra a ciência, discursam contra a vacina e são contra as campanhas do Estado em prol da saúde, colocando em dúvida o que a escola e as sociedade mais abertas visam como melhoria da saúde pública e bem estar social.

As lições de higiene corporal, higiene mental, sexualidade, respeito às diferenças e outras que não são bem vistas por outras instituições são combatidas por essas. Principalmente por seitas, igrejas fundamentalistas e instituições políticas que cerceiam ideias de viés progressista e acabam atrapalhando o alcance de objetivos educacionais mais abertos à realidade e por isso, nem tudo que é ensinado na escola é posto em prática.

Além disso, existem inúmeros professores que são alienados às ideias dessas instituições e que contribuem na criação de barreiras anticiência, facilitam a propagação de “*fake News*” advindas de publicidades que mostram o sistema liberal como forma vantajosa de desenvolvimento econômico para todos e, no entanto sabemos que apenas uma minoria se beneficia com ele.

Assim, o campo ambiental se constitui necessariamente engajado na disputa pelo poder simbólico de nomear e atribuir sentido ao que seria a conduta humana desejável e um meio ambiente ideal. Considerando o caráter criativo (*ficção*) do sentido, poderíamos traduzir a organização deste campo social como um processo de invenção do ambiental e de seu correlato, o sujeito ecológico. Em torno desta problemática fundamental, no campo ambiental vão se produzir uma visão de mundo, um circuito de produção de conhecimento, um espaço de comunicação, e uma arena de ação. A invenção do ambiental pelo conjunto de movimentos, associações, corpo de especialistas, publicações, estilos de ação política de seus militantes, vocabulário próprio, formas de pensar etc., é ao mesmo tempo resultado e causa da estruturação do campo que, para se afirmar enquanto um sistema simbólico eficaz e estruturante de sentidos na sociedade, necessita estar estruturado. (CARVALHO. 2000, p. 61).

Diante desse mecanismo, qualquer plano de conscientização da população para abraçar a bandeira da Educação Ambiental, torna-se fragilizada, necessitando, portanto, atribuições ecológicas que façam sentido.

OS ESTUDOS CULTURAIS E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Com base no conceito de culturas como modo de vida⁶ e na implantação da Lei nº 9.795, de 27/04/1999 que instituiu a Política Nacional de Educação Ambiental nas escolas brasileiras, não deveríamos ter os prejuízos que tivemos no Brasil em 2020, por conta das queimadas, das invasões de terras da União, de terras indígenas e de reservas biológicas.

Diante destes fatos, podemos afirmar que as escolas brasileiras nunca disseminaram informações favoráveis à defesa do meio ambiente brasileiro. Os resultados de combate às insustentabilidades do meio ambiente são quase nulos. No período de seca, época de maior incidência de queimadas no Brasil, em 2020, vimos nos noticiários algumas ações vindas de órgãos não governamentais, de algumas pessoas e grupos que, solitariamente, tentaram defender o meio ambiente das queimadas. Vimos o Corpo de Bombeiros das cidades por onde ocorreram os incêndios por já terem por incumbência combater o fogo, mas não percebemos nenhuma ação, que seja simples protestos, por parte de comunidades estudantis ou de professores se alinhando com a causa do meio ambiente.

Podemos entender isso como um descaso da escola ao meio ambiente, pois à ela foi dado o espírito de animar as ações políticas de combate a qualquer situação que coloque a população em perigo. A escola tem em mãos todos os mecanismos de fazer da criticidade uma arma para resolver os problemas ambientais, mas ela não faz porque, além de existir uma estrutura formada que tenta enfraquecê-la como mecanismo de conscientização político da população e como órgão opositor que atrapalha o desenvolvimento das redes educacionais particulares. Ela mesma, como representante da comunidade estudantil não entende como chegar a uma postura diante do meio ambiente

⁶ O conceito de cultura discutido aqui pertence a Hall (2013, p.149) onde ele frisa “a ‘teoria da cultura’ é definida como os estudos das relações entre elementos em um modo de vida global”. Pois, Está perpassa por todas as práticas sociais e constitui a soma dos inter-relacionamentos das mesmas”.

que possa acionar a comunidade em defesa ambiental ou em defesa de qualquer injustiça social que ocorra na comunidade a qual está inserida. Em muitos casos torna-se uma ferramenta de contribuição para fortalecer os movimentos antidemocráticos e a anticiência que ampliam as desigualdades das populações menos favorecidas, ficando a favor dos poderosos que degradam o meio ambiente.

Muitas vezes as escolas pautam seus conteúdos em culturas importadas das “cidades maravilhas⁷” em detrimento de suas próprias culturas e meio ambiente. Relegados a não perceber o modo de vida característico de sua comunidade, suas necessidades em preservar seu ambiente ou restaurar aquele que já foi perdido pelas explorações comerciais, por viver apenas situações passadas sem perceber ou conseguir acompanhar as mudanças devastadoras que o meio ambiente viveu ou vive.

Não existe justificativa para o que vem acontecendo no Brasil em relação aos avanços agrícolas, a sede exacerbada de transformar a floresta em pastagem. O que percebemos é que a maioria das vezes, as áreas em derrubada da floresta, são direcionadas a especulação imobiliária ou para a produção de cereais a serem utilizados para a alimentação de aves, peixes, bovinos e suínos de outros países. Esta afirmação está baseada nos dados do IBGE e expostas no blog autossustentavel.com:

Só no primeiro semestre de 2020, a China comprou mais de 43 milhões de toneladas de soja brasileira (utilizada, em sua maior parte, na alimentação de porcos). Em meados do século XX os chineses plantavam quase metade de toda soja consumida no mundo, hoje não chega a 5%. Essa queda se deve ao grande estresse hídrico gerado no cultivo do grão, tendo em vista que para produzir 1 tonelada de soja é consumido, em média, 1,5 milhão de litros de água⁸

Culturalmente falando, se observarmos o tipo de alimentos que o brasileiro consome, perceberemos que a carne é o item de menor quantidade e o mais caro. Por isso entendemos que não se justifica a corrida dos agropecuaristas ao desmatamento, uma vez que é sabido que o real motivo de invasão e desmatamento de terras indígenas, reservas florestais, biológicas e todas as ações contra o meio ambiente, principalmente o amazônico, ocorre devido a especulação imobiliária, a venda barata das terras invadidas

⁷ Em concordância com a expressão “Sul Maravilha”

⁸ <https://autossustentavel.com/2020/11/qual-sabor-a-carne-tem-para-a-saude-e-o-meio-ambiente.html> acessado em 24.jan.2020 – 16:30.

e a garantia de terra como investimento imobiliário e não, propriamente, para a produção de alimentos.

Se observarmos a composição do prato de comida tradicional do brasileiro, perceberemos que um pouco mais de 80% é composto por legumes e verduras, arroz, feijão, macarrão, farinha e somente uma pequena porção de proteína animal. Este último item, seja de suíno, bovino, pescado ou ave, ocupa menos de 20% do prato, mas os gastos com a produção dessas carnes supera os 70% do valor da produção de todos os outros itens que compõem a alimentação do brasileiro.

A produção de carne em nosso país faz com que a alimentação do brasileiro seja extremamente cara. Sabemos que existem alimentos com produções mais econômicas e que podem ser produzidos em espaços menores, sem a necessidade de grandes desmatamentos com falsos objetivos de solucionar a fome do povo brasileiro e de parte do mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos que a Educação Ambiental ainda está em estado de dormência em nossas escolas, pois a mesma sofre negligências estruturais que é alimentada pelas entidades responsáveis por fomentar a educação. Está presente nela, os mesmos mecanismos que enfraquecem a funcionalidade de outras áreas do conhecimento oferecidos em nossas escolas, pois é comum o estado brasileiro instituir componentes curriculares específicos e não formar o professor que irá lecionar esses componentes. Dessa forma o trabalho educativo se dá de maneira improvisada e parte dos objetivos, que deveriam ser atingidos, não se efetiva.

Em todas as profissões que requerem formação de quem vai assumir o cargo, o cidadão só pode exercer as funções inerentes a essa profissão caso esteja devidamente habilitado ou licenciado para tal. Mas, na educação brasileira, principalmente nas regiões periféricas, não é assim, qualquer licenciado pode assumir qualquer área do conhecimento, por esse fato, muitos dos objetivos dos componentes curriculares deixam de ser alcançados. Por isso, muitas ações pedagógicas que deveriam sustentar as filosofias desses componentes curriculares ou não acontecem ou ocorrem de forma enfraquecida e não refletem na resolução dos problemas pelo qual eles foram criados.

Em muitas escolas a Educação Ambiental, de fato, não foi implantada e antes mesmo dessa implantação, que deveria trabalhar o conceito de preservação da natureza e as relações do homem com ela, já faz-se necessário rever os objetivos que deveriam ser alcançados por ela.

Precisamos fortalecer o trabalho educativo e dar a ele as verdadeiras dimensões que o mesmo deve desempenhar, repensar a Educação Ambiental que existe nas escolas, fortalecendo a bandeira de preservar a natureza que ainda nos resta, descaracterizar a ideia de que o ambiente rural é insalubre e enfraquecer a de que as famílias que vivem no campo viverão melhor nas cidades, conscientizar que a floresta Amazônica é necessária a sobrevivência de todos os seres, rever as condições em que se encontra o estado de Rondônia em termos de desmatamento e garantir a manutenção de nossas áreas de reservas biológicas, reservas extrativistas, reservas indígenas, valorizar os povos e comunidades tradicionais da floresta, para que o espaço territorial rondoniense não se transforme em um ambiente semelhante a savanas.

A transformação do homem nos espaços urbanos cria culturas desfavoráveis ao meio ambiente. As cidades calçadas, asfaltadas, estruturadas no concreto armado cria uma incompreensão nas novas geração da necessidade presencial de árvores, jardins e espaços naturais, e sem perceber essa necessidade, anseiam cada vez mais por essas estruturas que aquecem, impermeabiliza e prejudica ao meio ambiente.

Quando se nasce e cresce em um ambiente degradado, acostuma-se a vê-lo como o ambiente natural, somente o conhecimento fará com que essa percepção seja modificada.

REFERÊNCIAS

BRASIL, **Lei Nº 9.795**, de 27 de abril de 1999. Disponível em: <
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19795.htm> Acessado em: 22.jan.2021.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **A invenção do sujeito ecológico: sentidos e trajetórias em Educação ambiental**. Porto Alegre: UFRGS, 2000. p. 349.

CARVALHO, L. M. A Temática Ambiental e o Processo Educativo: dimensões e abordagens. In CINQUETTI, H. S; LOGAREZZI, A. **Consumo e Resíduos - Fundamentos para o trabalho educativo**. São Carlos, EdUFSCar, 2006.

LEFF, E. **Epistemologia ambiental**. São Paulo: Cortez, 2002.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais de nosso tempo. In THOMPSON, Kenneth (org.). **Regulamentação de mídia e cultura**. Londres: Sage, 1997a. p. 207-238.

RANKING DO SANEAMENTO INSTITUTO TRATA BRASIL 2019 (SNIS 2017). Disponível em: < http://www.tratabrasil.org.br/images/estudos/itb/ranking-2019/Relat%C3%B3rio_-_Ranking_Trata_Brasil_2019_v11_NOVO_1.pdf> Acessado em: 20.jan.2021.

<https://autossustentavel.com/2020/11/qual-sabor-a-carne-tem-para-a-saude-e-o-meio-ambiente.html> - Acessado em: 22.jan.2021.

<https://autossustentavel.com/2020/11/qual-sabor-a-carne-tem-para-a-saude-e-o-meio-ambiente.html> - Acessado em 24.jan.2021.

Recebido em: 05/08/2022

Aprovado em: 10/09/2022

Publicado em: 18/09/2022